



## A COR DO DINHEIRO

# Para se ter sucesso desportivo é preciso ser trauliteiro?



**CAMILO LOURENÇO**  
Jornalista de Economia

**U**m dia, num encontro privado de antigos alunos da AESE, ouvi Fernando Ulrich dizer mais ou menos isto: "Eu gosto de futebol. Mas do futebol jogado dentro do campo. O que se vê nas televisões é outro futebol: o dos comentaristas. Dispensar isso."

Nos últimos tempos tenho-me lembrado muito da intervenção de Ulrich. Porque cheguei a um ponto em que desligo a televisão quando ouço certos comentaristas.

Vem isto a propósito do estado do futebol português. Depois do que se passou nos últimos meses (acusações de corrupção, investigações judiciais e o mais recente episódio, o da violência na Academia do Sporting), torna-se inevitável questionar a forma como o futebol português está a ser gerido. E há uma pergunta que é preciso fazer: para se ter sucesso como dirigente desportivo, é preciso ser trauliteiro?

Todos nós já ouvimos, e vimos, episódios pouco agradáveis (um grande eufemismo!) envolvendo os presidentes de

clubes portugueses. Com destaque para os três grandes. Todos nos lembramos da "fruta" do Futebol Clube do Porto e, mais recentemente, do e-toupeira no Benfica, para não falar das mais recentes revelações sobre corrupção nos departamentos de futebol e andebol do Sporting.

Mas os episódios menos dignificantes não ficam por aqui. Os insultos e as acusações mútuas fazem parte do relacionamento quase diário entre dirigentes. A começar pelos presidentes. Ainda há poucas semanas, Bruno de Carvalho referiu-se a António Salvador, do Braga, com mimos do género "labrego, trolha, aldrabão e idiota".

Tudo isto é complementado com uma realidade nova: os "comentadores engajados", presente nos canais informativos de televisão. Com raríssimas exceções, chega a ser penoso ver um programa destes (onde vale tudo) do princípio ao fim devido ao explosivo cocktail de agressividade, insultos e má educação. O objetivo é claro: convencer a opinião pública que o vizinho do lado é corrupto e falseia a verdade desportiva.

É neste enquadramento que vive o futebol português. Primeira pergunta: acha assim tão estranho que com tanta intoxicação tenhamos episódios como os da violência em Alcochete? Segunda pergunta: para se ter sucesso no futebol precisamos de ter presidentes trauliteiros e peões de brega que copiam esse comportamento? Vejamos o que se passa noutros países: alguém vê o presidente do Real Madrid, Bar-

celona, Manchester United, Arsenal, Manchester City, Bayern de Munique, Inter de Milão, Juventus, PSG ou Monaco envolvido em troca de palavras como o que acontece em Portugal? Pelo contrário: em cada clássico que se preze vemos dirigentes sentados lado a lado, em amena cavaqueira. E não vemos dirigentes a insultarem-se quando os jornalistas lhe apontam o microfone ou a câmara de filmar...

Ok, podemos dar o exemplo do presidente do Paok (da Grécia), de pistola no coldre, a invadir do terreno de jogo, para mostrar que há pior do que nós. Mas é esse o modelo que queremos copiar?

Aqui chegados é possível concluir uma coisa: o estilo caceteiro não é a única forma de motivar o universo de apoiantes de uma equipa. E de ganhar campeonatos. E de ganhar provas europeias: o Real Madrid vai na 4.ª final europeia dos últimos cinco anos. E ganhou três delas (falta saber se ganha a deste ano). O Atlético de Madrid disputou duas das últimas quatro realizadas.

É nisto que temos de meditar. O futebol é cada vez mais um negócio. Que move milhões. A forma lamentável como está a ser gerido em Portugal é a melhor maneira de dar cabo desses milhões. Como o Sporting está a descobrir. ■